

DESCEN - DENTES DA DIÁSPORA

CURADORIA RAISSA SANTOS

ESTAÇÃO CULTURA
17 de março de 2024 a 31 de maio
de 2024



Realização

Universidade Federal de Uberlândia em parceria com:
Prefeitura da cidade de Campinas
Secretária Municipal de Cultura e Turismo
Coordenadoria da Estação Cultura Antonio da Costa Santos

Curadoria, captação de som e Imagem, edição artística e de conteúdo:
Raissa J Santos

Apoio:
Adriano Tomitão Canas

DESCEN - DENTES DA DIÁSPORA



Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito necessário à obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Tomitão Canas



DESCEN -
DENTES
DA
DIÁSPORA



DESCEN- DENTES DA DIÁSPORA

Descendentes da diáspora

Descendentes da diáspora





DESCEN - DENTES DA DIÁSPORA

Uma exposição sobre memória e pertencimento

Sequestrados para um mundo novo, não tão novo para os originários que já morriam aqui aos montes. Obrigados a trabalhar como animais por gerações. Forçados a esquecer quem eram, de onde vieram. Viraram número. Número esse que sangrou na mão dos açoitados. Número esse que morreu lutando pela própria liberdade. Número esse que foi lançado a própria sorte com a assinatura da abolição. VIVA PRINCESA ISABEL! Viva Princesa Isabel! Isabel não lhes deu emprego com salário digno. Isabel não lhes deu moradia. Isabel não lhes deu educação.

A ESCRAVIDÃO SÓ MUDOU DE NOME.

Cento e alguns anos depois, o sofrimento dos nossos ancestrais ainda ecoa em nós, mas com muita luta, muito movimento, muita resistência, hoje conseguimos enxergar um horizonte mesmo que num caminho ainda longo a ser percorrido. Essa exposição é para lembrar, exaltar e celebrar a vida daqueles que já vieram e dos aqui que estão. Pois somos nós, Descendentes da diáspora.



Sequestrados para um mundo novo, não tão novo para os originários que já morriam aqui aos montes. Obrigados a trabalhar como animais por gerações. Forçados a esquecer quem eram, de onde vieram. Viraram número. Número esse que sangrou na mão dos açoites. Número esse que morreu lutando pela própria liberdade. Número esse que foi lançado a própria sorte com a assinatura da abolição. VIVA PRINCESA ISABEL! Viva Princesa Isabel? Isabel não lhes deu emprego com salário digno. Isabel não lhes deu moradia. Isabel não lhes deu educação.

A ESCRAVIDÃO SÓ MUDOU DE NOME.

Cento e alguns anos depois, o sofrimento dos nossos ancestrais ainda ecoa em nós, mas com muita luta, muito movimento, muita resistência, hoje conseguimos enxergar um horizonte mesmo que num caminho ainda longo a ser percorrido.

Essa exposição é para lembrar, exaltar e celebrar a vida daqueles que já vieram e dos aqui que estão. Pois somos nós, Descendentes da diáspora.

*“Primeiro cê sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles
Nega o deus deles, ofende, separa eles
Se algum sonho ousar correr, cê para ele
E manda eles debater com a bala que vara eles, mano
Infelizmente onde se sente o sol mais quente
O lacre ainda tá presente só no caixão dos adolescente
Quis ser estrela e virou medalha num boçal
Que coincidentemente tem a cor que matou seu ancestral”¹*



¹ Canção Ismália, composição do Rapper Emicida para o álbum Amarelo de sua autoria.

*Canto do negro é um lamento
Na senzala do senhor...*

*O negro veio de Angola
Fazendo sua oração
Na promessa da riqueza
Só ganhou a escravidão...*

*Canto do negro é o lamento
Na senzala do senhor...*

*Depois de duro trabalho
De maus tratos e sofrimentos
Chibata comia toda a hora
Sem roupa, sem água e alimento...*

*Canto do negro é o lamento
Na senzala do senhor...*

*E com risos e brincadeiras
Paciência ele esperava
Capoeira dava aviso
Quando alguém se aproximava...*

*Canto do negro é o lamento
Na senzala do senhor...²*

² Canção Lamento Negro.
Composição de Caboré, Onofre,
Heitor dos Prazeres Filho. Na voz

ENTRADA DE SERVIÇO

*“Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso
Não vai no de serviço
Se o social tem dono, não vai
Quem cede a vez não quer vitória
Somos herança da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real de nossa história
Se preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade”³*

³ Canção Identidade. Composição de Jorge Aragão



Nos foi dada a liberdade, mas não nos foi dado o direito a cidade. "A cidade materializa todas as opressões que a gente discute" ⁴. Os reflexos da forma descabida que se deu a abolição, ainda surtem efeitos no modo em que o negro é visto no mercado de trabalho. O papel de servidão nunca saiu de suas mãos, agora é remunerado, bem mal remunerado, é desvalorizado é informal. O trabalho doméstico é o maior exemplo da perpetuação do costume escravocrata na modernidade. Mulheres pobres e majoritariamente negras deixam suas casas, seus filhos para cuidar da casa de famílias mais abastadas, em troca de salários baixos. Numa realidade não muito distante o quarto de empregada ainda era um cômodo requisitado, nas residências das classes médias e altas atrelado a necessidade de manter a doméstica ali sempre a disposição. Uma realidade que foi mudando aos poucos com muita luta das próprias domésticas que se organizaram e reivindicaram direitos, tendo conquistado tardiamente a aprovação da Pec das domésticas em 2013, que as garantiu mais direitos como aos demais trabalhadores.

O quarto de empregada, agora, tem novo uso, é depósito, é escritório, é lavanderia. Suas paredes estreitas já não guardam mais a cama e uma pequena cômoda. Já não é mais o único espaço de liberdade que por sua vez é privada dentro dos apartamentos luxuosos. O quarto de empregada já não é. Esse quarto que querem esquecer, hoje iremos lembrar!

⁴QUEM pensa as CIDADES? RACISMO na ARQUITETURA. Stephanie Ribeiro para Canal Preto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IPgORXBQWOQ>

Idosa em situação análoga à escravidão é resgatada em casa em bairro nobre da Zona Oeste de SP
Uma das empregadas foi presa em flagrante, mas liberada ao pagar fiança e o outro dos empregadores foram indicados por abandono de incapaz, crime de comum e por submeter a trabalhadora a situações que configam trabalho escravo.

o trabalho doméstico é uma das principais formas de inserção no mercado de trabalho das mulheres negras

"Essa é uma lei nova é uma lei dirigida aos empregados domésticos, mas ela tem resquícios. Ela está dando ao empregado doméstico as mesmas vantagens que têm os trabalhadores. Porque, pra mim, fala "trabalhador doméstico", não tá tecnicamente correto, é o que se fala. Pra mim é trabalhador. E tem o outro que é o doméstico. Trabalhador doméstico é a confusão que sendo criada agora."

"Ela está lá vendo a novela, que não sei o que. o casal o pessoal jantou e tal. Ai depois da novela, ela vem ela arruma a cozinha. Vai ter que contar essa hora que ela arrumou a cozinha? Como é que vai ser feita essa dinâmica?"

Há dois anos, morria a primeira vítima da Covid-19 no Brasil
Desde a morte da diarista Rosana Urbano, 55, o país já soma mais de 604 mil vítimas fatais da doença. 12/03/2020 morreu Rosana Urbano, a primeira vítima da Covid-19 no país. A diarista morreu após contrair a doença de seus patrões, que voltaram de férias da Itália.

PEC das Domésticas: 10 anos após a aprovação do projeto, número de informais cresce no Brasil
O Brasil tem 1,6 milhões de trabalhadoras domésticas, e mais de 1 milhão negras. Em 2013, 596 mil foram resgatadas quando não tinham nem carteira assinada. Os dados apontam uma tendência de crescimento.

NOTÍCIAS GERAIS
Trabalhadoras domésticas em situação análoga à escravidão no Brasil, até quando?
No Brasil, de 2017 a 2021, 38 trabalhadoras domésticas foram resgatadas de trabalhos escravos. Os dados são do Ministério do Trabalho e Previdência. A maioria das vítimas é formada, especialmente por mulheres negras em situação de vulnerabilidade social.

Idosa de 90 anos é resgatada em condições análogas à escravidão em casa na Zona Norte do Rio
Segundo reportagem, a idosa é a trabalhadora doméstica mais idosa encontrada em condições de trabalho análogo à escravidão no Brasil. Ela foi resgatada no dia 22 de agosto.



Doméstica é resgatada após passar 43 anos em condições análogas à escravidão; 'Diziam que era da família', diz procurador
Ação foi movida pelo MPF no Rio de Janeiro. Mulher terá direito a uma indenização de R\$ 200 mil por ser trabalhadora desde 1979 sem salário e outros benefícios.

Mulher é resgatada de trabalho análogo à escravidão após 47 anos no RS
Foram resgatadas 120 mil trabalhadoras domésticas em todo o Brasil em 2013 e 19 mil em 2014.



RAIZES

Olhar para trás para poder andar para frente.

Minhas raízes são profundas, mas me apego a aquelas as quais eu consigo enxergar. De ante de toda a dificuldade enfrentada enquanto negros e brasileiros, no apegamos em preservar aquilo que restou e não conseguiram nos tirar.

Os que vieram antes de nós nos deixaram ensinamentos, foram símbolo de luta e resistência. Aqueles que foram linha de frente na luta, abriram caminho para que hoje pudéssemos reivindicar nossos direitos e continuarmos lutando. Fizeram história, deram a vida para perpetuação da nossa cultura. Aqueles que vieram antes de mim, meus pais, meus avós, que não travaram uma luta em grandes movimentos de resistência, mas ainda sim resistiram e resistem na luta pessoal e diária, comum a todas as famílias negras brasileiras. Sobreviveram e sobrevivem. A existência do negro no Brasil é política. Zumbi dos Palmares, Tereza de Benguela, Luís Gama, Manoel Querino, Maria Firmina dos Reis, ... Laudelina de Campos Melo, Antonieta de Barros, Solano Trindade, Ruth de Souza, Guerreiro Ramos, ... Carolina Maria de Jesus, Juliano Moreira, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzales, Milton Barbosa, ... Abdias do Nascimento, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Leci Brandão, Djamila Ribeiro, Silvio Luiz de Almeida, Gabriela de Matos, Marielle Franco, ... João José Eugênio, Armezinda Maria de Jesus, Antônio Ribeiro dos Santos, Asteria Ribeiro dos Santos, Raimundo Ribeiro dos Santos, Marluce Maria de Jesus, ...

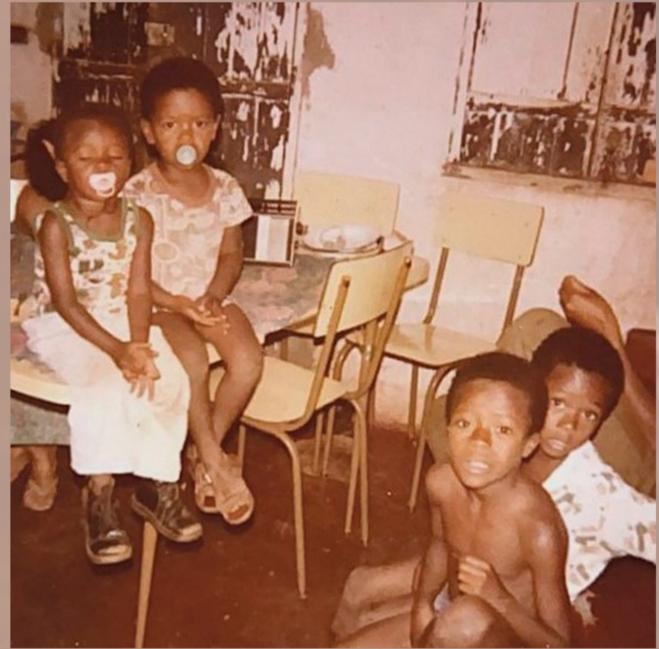
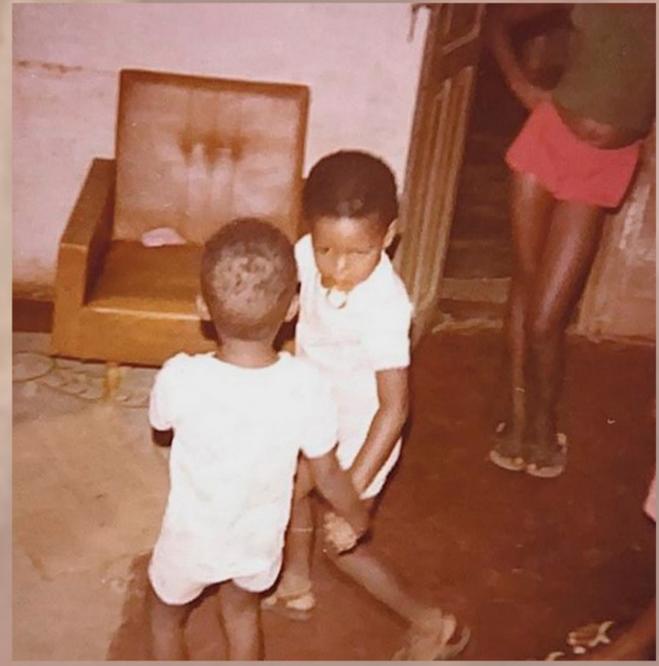


SANKOFA

“se wo were fi na wosan kofa a yenki”
“não é tabu voltar atrás e buscar o que
esqueceu”⁵

⁵Origina-se de um provérbio
tradicional entre os povos de
língua Akan da África







Acesse nossa playlist
e aproveite



Raízes





SANKOFA

**"NÃO É TABU
VOLTAR ATRÁS E
BUSCAR O QUE
ESQUECEU"**

o que sou pelo q

Raízes



Conhecemos
a tradição
a construção da
identidade e
irmos a nossa

Identidade

Identidade
A identidade é um conceito complexo e multifacetado. Ela é formada por uma combinação de fatores culturais, sociais e pessoais. A identidade é algo que nos define e nos conecta ao mundo ao nosso redor. Ela é algo que nos dá um senso de pertencimento e de propósito. A identidade é algo que nos ajuda a entender quem somos e quem queremos ser. Ela é algo que nos dá a capacidade de nos adaptar e de crescer. A identidade é algo que nos dá a força para enfrentar os desafios da vida. Ela é algo que nos dá a coragem para seguir em frente. A identidade é algo que nos dá a sabedoria para tomar decisões sábias. Ela é algo que nos dá a paciência para esperar o momento certo. A identidade é algo que nos dá a humildade para reconhecer nossos erros e aprender com eles. Ela é algo que nos dá a gratidão para apreciar o que temos. A identidade é algo que nos dá a esperança para acreditar no futuro. Ela é algo que nos dá a fé para acreditar em nós mesmos. A identidade é algo que nos dá a coragem para viver a vida ao máximo. Ela é algo que nos dá a sabedoria para saber quando parar. A identidade é algo que nos dá a paciência para esperar o momento certo. A identidade é algo que nos dá a humildade para reconhecer nossos erros e aprender com eles. Ela é algo que nos dá a gratidão para apreciar o que temos. A identidade é algo que nos dá a esperança para acreditar no futuro. Ela é algo que nos dá a fé para acreditar em nós mesmos. A identidade é algo que nos dá a coragem para viver a vida ao máximo. Ela é algo que nos dá a sabedoria para saber quando parar.



sobre mim?
sobre a minha história?







O que o meu nome tem a dizer sobre mim?

O que o meu nome tem a dizer sobre a minha história?

IDENTIDADE

“Quem sou eu?

Me chamo Marluce, tenho ascendência negra, onde pai, mãe, avós, bisavós vieram de épocas muito difíceis. Ambos os bisavós talvez tenham vivido na época da escravidão, não sei bem, mas até hoje reflete em nós.

Sou mãe de filhotes lindos, no qual sempre serão meu orgulho, minha razão de viver.

O que mais me impressiona é nesse mundo de hoje, haver tanta desigualdade entre seres humanos, tudo isso simplesmente por um tom de pele. Um dia alguém me disse que eu era diferente, era negra, mas tinha um coração branco! Daí virei a casaca. NÃO! Sou negra, preta, cabelo crespo, nariz chato e tenho coração de preta com muito orgulho. Vivo sempre com sorriso no rosto, não perco nunca minha identidade. Essa sou eu, Marluce!”





“Me chamo Raimundo!

Em 1965 eu nasci na cidade de Goiatuba, no Goiás. Vindo de uma família de 7 irmãos. Morávamos em uma fazenda até os meus 10 anos e pra mim era normal ser negro até que fui à escola pela primeira vez e vi que era como um divisor de águas. As diferentes entre negros e brancos não só pela cor, mas sim olhar e comportamento da sociedade. Com 17 anos mudamos para Uberlândia, Minas Gérias. Me senti mais confortável porque havia um grupo de negros que lutava por espaço em meio a sociedade e faziam isso com alegria e orgulho de ser negro. Aos 22 me casei, tive filhos negros e foi a coisa mais linda

que vi na época. Ver que através de mim mais negros nasciam para descobrir de seu própria existência. Mas as diferenças continuaram e continuam. Hoje me encontro com 57 anos. Tudo é diferente, mas nada mudou em relação a mente e os sentimentos das pessoas. Me lembro que não participei de muitos eventos e lugares por ser negro e filho de negros ainda na minha fase jovem. Depois dos 20 fui conquistando meu espaço individual na sociedade, até os dias de hoje bem em ser negro.”

Quem sou eu? Qual o meu nome? Simples perguntas com um peso enorme devido à complexidade de construir uma identidade individual e coletiva em um contexto histórico marcado pela escravidão e pelo racismo. A inviabilização da história e da cultura afro-brasileira pode levar a uma sensação de deslocamento e alienação para muitas pessoas negras, que muitas vezes se sentem desconectadas de suas raízes culturais e históricas.

Meus antepassados perderam seus nomes originais, lhes foram dados novos nomes e sobrenomes, os quais carregamos até hoje. Com os esforços para afirmar nossa identidade e luta por igualdade e justiça social, ressignificamos esses nomes. Somos Santos, Silvas, Ribeiros, Eugênios, Almeidas. SOMOS.





Identidade

"Quem sou eu?"
Me chamo Marluce, tenho
academica negra, onde
pai, mãe, avós, bisavós
vieram de épocas muito
difíceis. Ambos os bisavós
também tinham vindo na
época da escravidão, não
sei bem, mas até hoje
reflete em mim.
Sou mãe de filhos brancos,
no qual sempre sinto meu
orgulho, minha raiz de
viver.
O que mais me impressiona
é nesse mundo de hoje,
haver tanta desigualdade
entre seres humanos, tudo
isso simplesmente por um
tom de pele. Um dia alguém
me disse que eu era diferente,
era negra, mas tinha um
coração branco. Que vive a
caixa. NÃO! Sou negra, preta,
cabelo crespo, nariz chato e
também orgulho de preta com
muito orgulho. Vivo sempre
com simbio no rosto, não
perco nunca minha identidade.
Essa sou eu, Marluce!"



"Me chamo Marluce"
Em 1965, no bairro de São Paulo, no Estado de São Paulo, nasceu Marluce em um mundo de 15 anos e ela não sabia se era preta ou branca, mas sabia que era diferente. Com 17 anos mudou para Sorocaba, São Paulo. No ano seguinte conheceu um rapaz branco e se apaixonou. Em 1982, ela casou-se com ele e mudou-se para Sorocaba. Hoje, ela tem dois filhos brancos e vive em um bairro nobre de Sorocaba. Ela sempre se orgulha de ser negra e preta, e acredita que isso faz parte de sua identidade. Ela também acredita que a cor da pele não define quem somos e que todos nós somos humanos.

O que o meu nome tem a dizer sobre mim?
O que o meu nome tem a dizer sobre a minha história?



(R)EXISTÊNCIA

*“Um sorriso negro, um abraço negro
Traz...felicidade
Negro sem emprego, fica sem sossego
Negro é a raiz da liberdade
...Negro é uma cor de respeito
Negro é inspiração
Negro é silêncio, é luto
negro é... a solidão
Negro que já foi escravo
Negro é a voz da verdade
Negro é destino é amor
Negro também é saudade... (um sorriso negro!)”*

Música Sorriso Negro, composição de Adilson Barbado e Jorge Portela, cantada na voz de Dona Ivone Lara, lançada pela primeira vez em 1981.



Por que eu me vejo, mas a sociedade não me vê?

Em tempos de europeização e padronização do que é tido como bom e belo, corpos negros são esquecidos e negligenciados, porque não destacar a beleza única e inigualável de cada indivíduo, desafiando assim os estereótipos e preconceitos associados à beleza negra ao longo da história. A beleza negra é, no final das contas uma celebração da diversidade, da individualidade e da força de cada um, mostrando como as pessoas negras construíram sua própria visão de beleza em um mundo onde padrões eurocêntricos ainda dominam. Quando nos olhávamos através de espelhos e não nos víamos, tendíamos a não nos acharmos bonitos, tendíamos a não gostar das nossas feições, tendíamos a não nos amar. Mas nós existimos, somos belos, somos capazes.

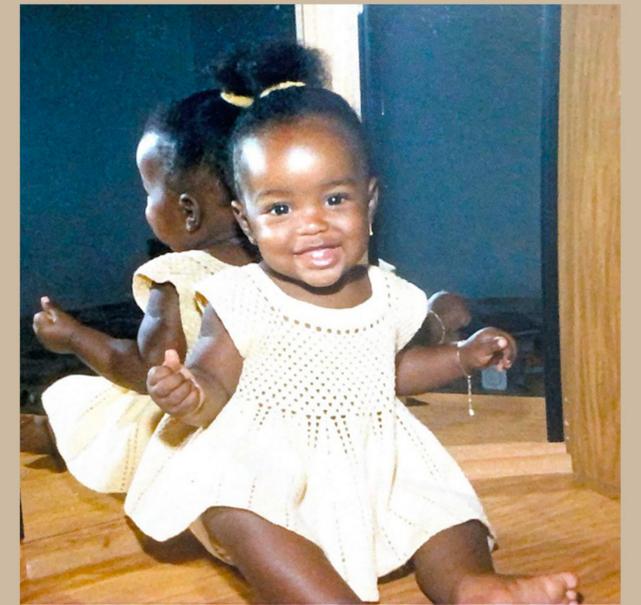
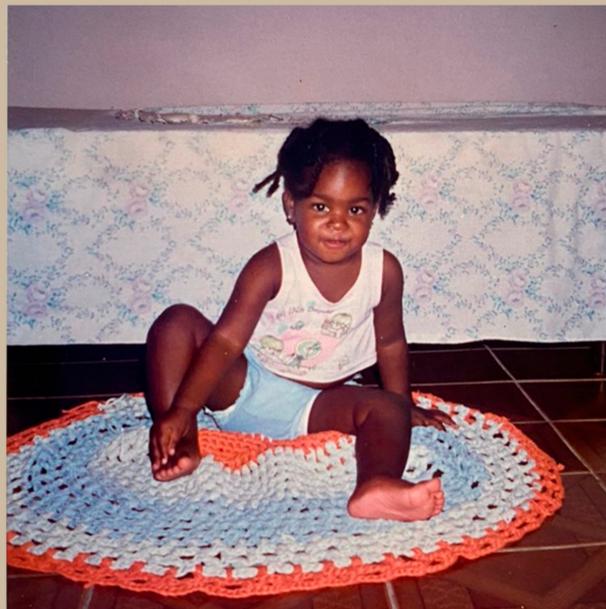
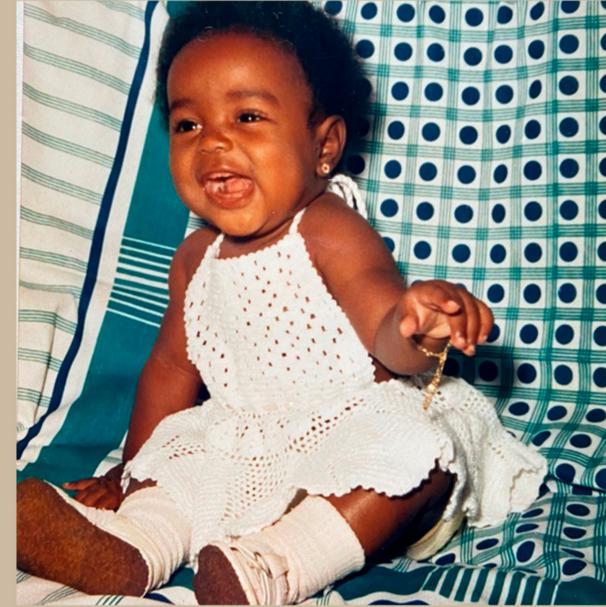
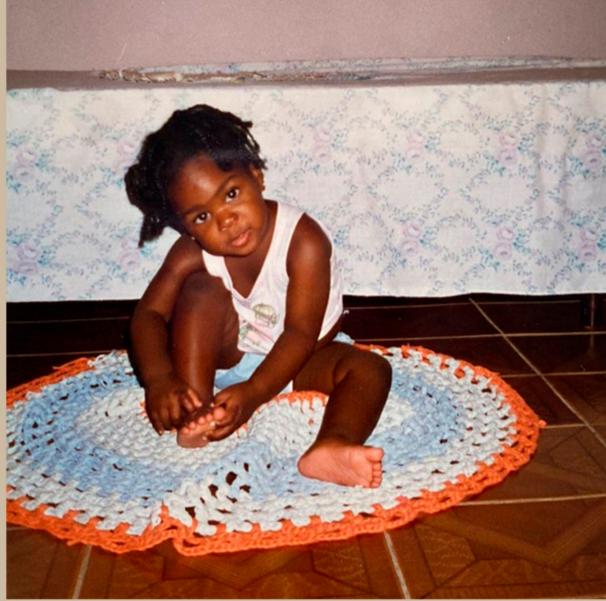
Celebre a beleza, celebre você, celebre os seus.

Celebrar a beleza é existir, e existir para o negro é resistir

EU (R)EXISTO



(R)exi



A beleza está na comunidade.
Em comunidade existimos.
Em comunidade resistimos.

A comunidade negra, seja a família, amigos, seja o movimento negro, seja o samba ou nas religiões de matriz africana, são suporte. Suporte contra hostilidade que vem de fora. É na comunidade que nos encontramos com nossa ancestralidade, com os valores culturais que vão sendo passados a cada geração. Isso é amor, amor preto. E amor preto cura, restitui aquilo que foi partido em nós.

Num contexto de discriminação e opressão, relacionamentos saudáveis e solidários entre as pessoas negras, com apoio mútuo, são essenciais para conectar as pessoas com suas raízes e tradições, e assim ajudar a criar uma sensação de pertencimento e orgulho na identidade negra.

Para além de todo sofrimento que marca a nossa história, celebremos os momentos com os nossos, Para assim lembrarmos o quão grande somos. É no almoço de domingo, na visita de fim de tarde, as festas variadas, é no quintais de casa, é no contato com o semelhante que nos fortalecemos.



(R)exi

"Tudo q nois tem é nois"



O termo "Ubuntu" vem do Zulu e pode ser traduzido como "humanidade". É uma filosofia que enfatiza a importância de se relacionar com os outros e de viver em harmonia com a comunidade. É uma forma de amor próprio que se estende aos outros, que reconhece a humanidade em todos e que busca a harmonia e a justiça para todos.

Existência



UBUNTU!
Eu sou o que sou pelo que nós somos



(R)ex



ue sou pelo que nós somos



ncia

UBUNTU!
EU SOU O QUE SOU PELO QUE NÓS SOMOS







O termo "Ubuntu" vem do Zulu e pode ser traduzido aproximadamente como "humanidade para os outros" ou "Eu sou porque nós somos". Esta filosofia enfatiza a importância dos relacionamentos, do respeito mútuo, da compaixão e da solidariedade. Promove a ideia de que todos os indivíduos estão interligados e que o bem-estar de um está ligado ao bem-estar de todos na comunidade. O espelho no lugar dos olhos serve para que quem olhe para o quadro se enxergue, é preciso se encher no outro e outro em você para que a ambos consigam seguir





ST. JOHN'S UNIVERSITY
ST. JOHN'S UNIVERSITY
ST. JOHN'S UNIVERSITY

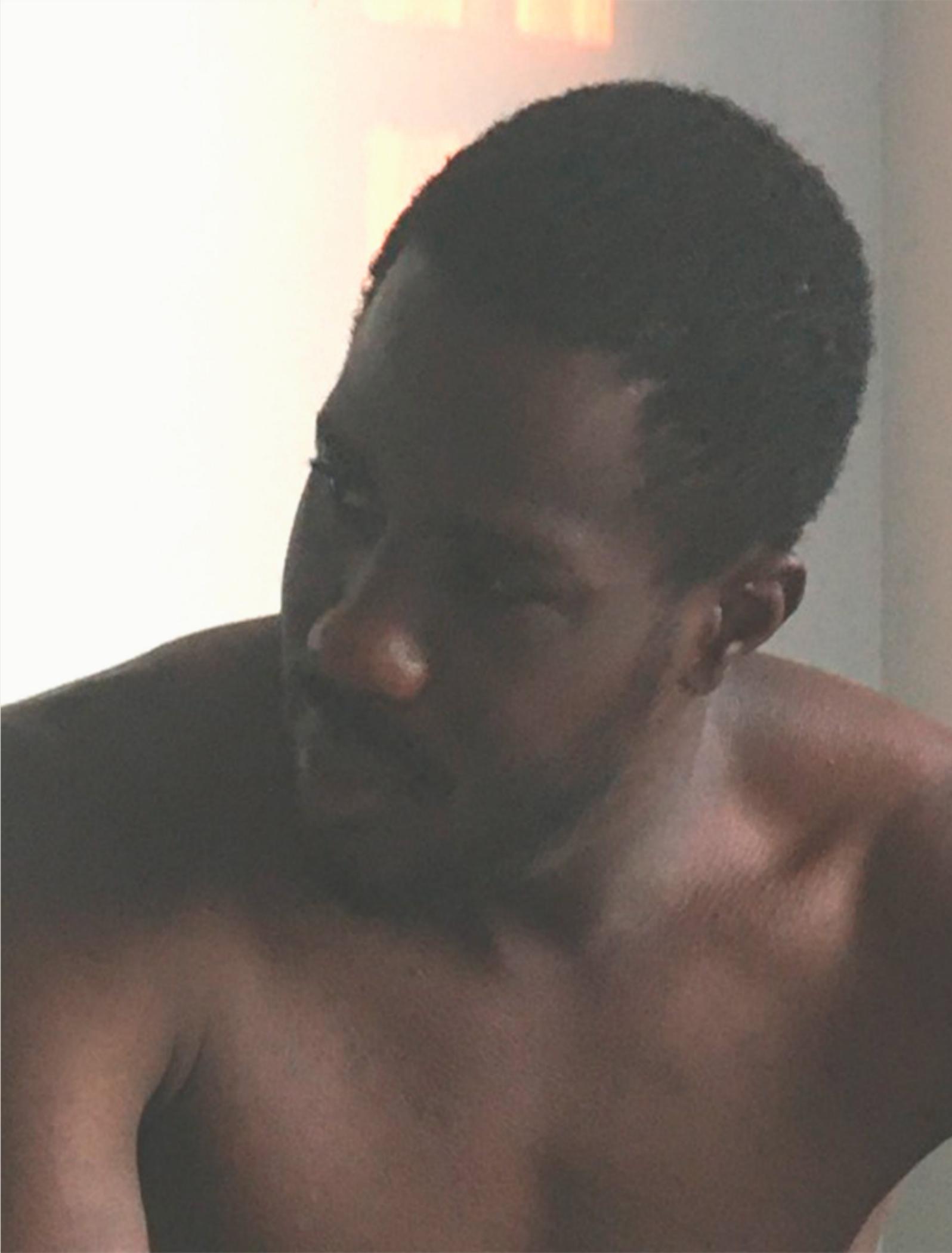
ST. JOHN'S UNIVERSITY
ST. JOHN'S UNIVERSITY
ST. JOHN'S UNIVERSITY

ST. JOHN'S UNIVERSITY
ST. JOHN'S UNIVERSITY
ST. JOHN'S UNIVERSITY



UBUNTU!





A nossa pele, sem nenhum consentimento, protagoniza as mazelas sociais. Um ponto em comum indesejado, as consequências do racismo brasileiro que se esconde atrás do mito da democracia racial. Mas não somente isto, protagonizamos as mesmas lutas, lutas por igualdade, por reconhecimento. Para que nos enxerguem, para que ousam a nossa voz. Nós estamos aqui, nós construímos tudo isso que nos cerca. As feridas deixadas em nossos antepassados pelos acoites da escravidão, deixaram cicatrizes em nós. Mas no apego ao verso e digo

“Não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem
É o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir”

Essa história não só minha, essa história é de todos os que vieram antes de mim. Essa história também é sua e de todos os que vieram antes de você. Então reflita sobre a nossa história, compartilha-a. Tome a voz que também é sua. E grite para o mundo Ubuntu! Viva a sua existência!



Escaneie e aproveite a playlist criada especialmente para essa exposição



